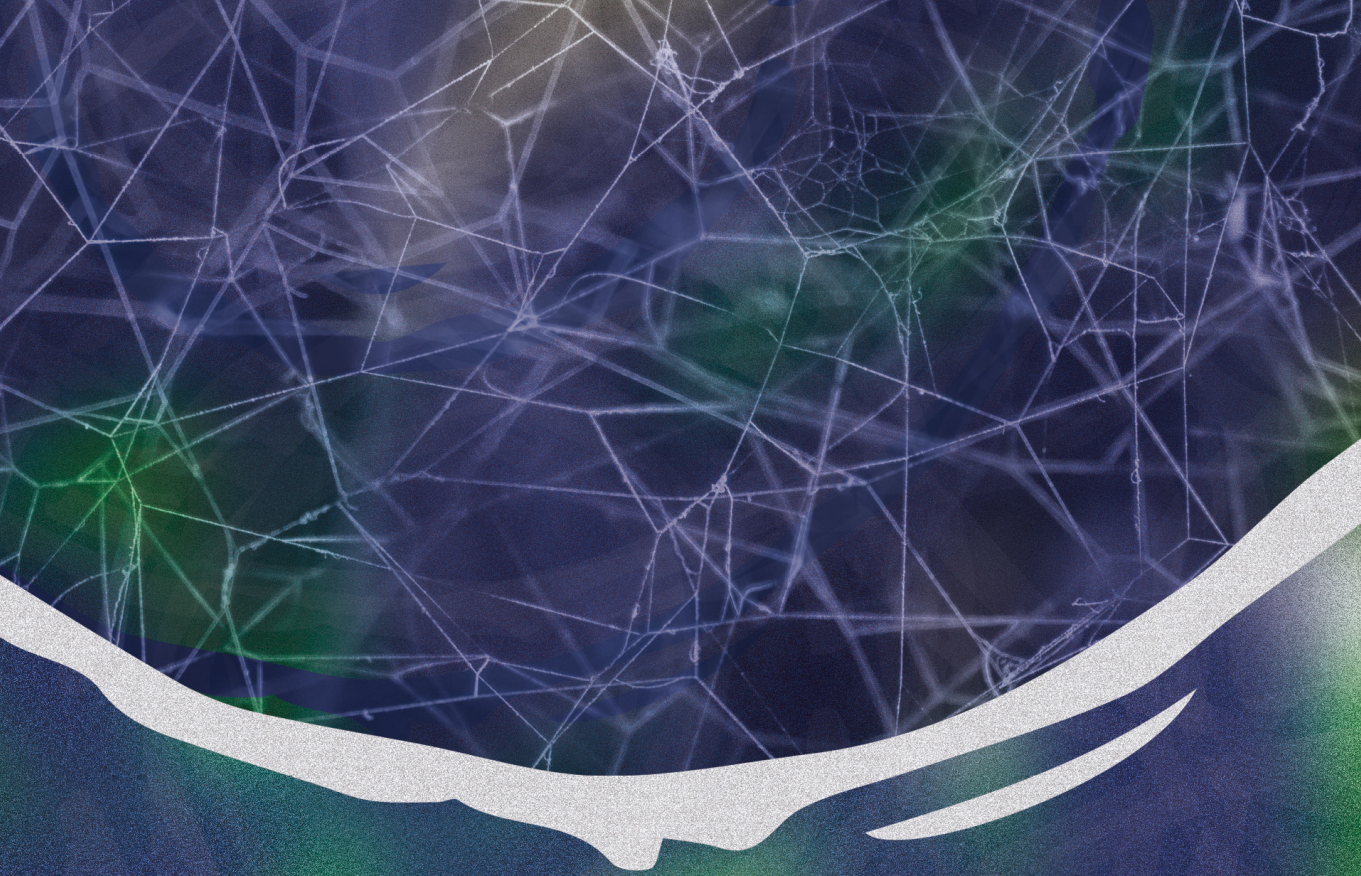


EDITORA
UnB

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Antropologia-Educação

Experiência, imaginação e conhecimento

Alessandro Roberto de Oliveira
(organizador)

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Gabriela Costa Silva Capuano
Diagramação	Uilca-Terra R. M. M. Martins
Foto de capa	General Kenobi, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

A636 Antropologia-Educação [recurso eletrônico] : experiência, imaginação e conhecimento / Alessandro Roberto de Oliveira, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
154 p. – (Série ensino de graduação).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-242-2.

1. Antropologia. 2. Educação. 3. Experiência. 4. Imaginação. I. Oliveira, Alessandro Roberto de (org.). II. Título. III. Série.

CDU 39

Fernanda Cordeiro de Carvalho – CRB 1/2339

Imagino a vida dos outros.
Não é por cobiça.
É por vontade que dê certo.
O paraíso são os outros, Valter Hugo Mãe

Sumário

Apresentação 11

Ensinar e aprender Antropologia na interface com a Educação 13
Alessandro Roberto de Oliveira

Parte 1 – Trajetórias 27

Choque cultural e Educação: de Codó ao DF 29
Rafael Moreira dos Santos

As gerações e a vida em uma agrovila 31
Bruna Silva de Jesus

“Tenha educação!” 35
Andressa Felix Albuquerque

Diversidade de infâncias: reflexões sobre contexto, educação e cultura 39
Anna Lua Miranda da Silva Paz

Legado familiar: a influência transformadora da educação 41
Joyce Soares Ramos

Uma família de mulheres 42
Letícia Nayra Matias vianna de Almeida

Contra a morte e pela vida: a luta de uma mulher negra por si e pelos seus 47
Railane Lima de Almeida

Parte 2 – Infâncias 51

Infâncias diferentes, educações diferentes: a história de Dona Tereza 53
Ohani Araujo Lima

Laços de infância(s) 57
Maria Eduarda dos Santos Martins

As concepções de infância na pediatria do Sarah Kubitscheck 61
Clara Alessandra Santana Borba

Fumaça de terra 65
Ludmila Galdino Cândido

A história de Matheus 69
Arlete Carvalho Souza

Os adultos é que não sabem – um ensaio antropológico 73
Isabel Gomes Aguiar Teodoro

Os múltiplos saberes dentro da infância e da educação 77
João Vitor de Oliveira da Silva

Parte 3 – Ficções 81

A voz da diversidade diz: “Eu existo!” 83
Priscila Rubem de Sousa

Como estrelas na Terra – toda criança é especial 87
Ana Gabriela Militão de Souza

Tales by light: educação e cultura 91
Suzane Ferreira Santos

Raya e o último Dragão 97
Anna Clara Vitor de Sena

O bicho vai pegar 2 101
Nicole de Melo Sales

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento 105
Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

Educação fora da cerca: os olhares e passos aventureiros de um menino-cervo 109
Gabrielle Montalvão Ferreira

Parte 4 – Escolas 115

A dificuldade de ler e o papel do professor 117
Stephanie de Sousa Lima

Conversa com quem gosta de ensinar: ensaio sobre a cultura e a Antropologia como Educação 121
Isabela Siqueira Palhano Cabral

Carla: a experiência de uma recém formada em Pedagogia 125
Ester Sandes Camargo

Leituras de Calvin e Haroldo e minha experiência na educação infantil 129
Nami Dansa Motta

A cor é tudo 133
Ana Luísa Morais de Almeida

“Henriqueeeee, hora de tomar banho para ir ao colégio” 137
Sarah Ingrid Pereira Guedes

Minha experiência de estágio 141
Letícia Vaz Pereira Barbosa

Antropologia-Educação: algumas considerações 143
Alessandro Roberto de Oliveira

Apresentação

Alessandro Roberto de Oliveira

Esta coletânea pretende disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o conteúdo aqui reunido é direcionado para esta disciplina, mas pode ser de interesse para as Ciências da Educação de maneira geral, a partir de uma perspectiva da Antropologia, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.[1]

Do mesmo modo, este material também pode ser útil para professores e estudantes das Ciências Humanas e Sociais, e da Antropologia em particular, na medida em que alguns fundamentos e noções básicas da disciplina são aqui retomados por leituras que se apropriam de seus sentidos convencionais e inventam outras formas de operar essas ideias de maneira criativa a partir do universo de interesse da Pedagogia. Para além da universidade, este livro também pode contribuir com professores e estudantes do ensino médio na Educação Básica, quando interessados em conversar e refletir sobre as relações entre educação e cultura, marcadores sociais da diferença e espaços escolares. Por fim, pode atrair ainda profissionais da Pedagogia que atuam na Educação Infantil, interessadas nas reflexões sobre infâncias.

Aqui reunimos 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período do curso de Pedagogia produzidos entre 2020 e 2022. Os textos estão distribuídos em quatro partes. A primeira é *trajetórias* e reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. A segunda é *infâncias*, e trata de diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com os filhos. A terceira, *ficções*, reúne escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. Por fim, *escolas* fecha o livro com ensaios que partem de cenas escolares, seja na posição de estudantes seja como estagiárias ou professoras da Educação Infantil, enfocando

[1] Os textos aqui encontrados tratam ora do fenômeno da educação, em seu sentido amplo, ora da Educação como área do conhecimento. Para marcar essa diferença, utilizamos a distinção entre os usos das iniciais maiúsculas (quando se trata da Educação como campo do conhecimento) e minúsculas (quando se trata do fenômeno).

dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Na realidade, os ensaios transitam entre esses domínios, alguns textos sobre trajetórias falam de infâncias e escolas, ensaios sobre infâncias tratam de escolas a partir de histórias ficcionais, escritos que tematizam ficções versam sobre infâncias, trajetórias e escolas, além dos próprios textos sobre escolas que entrecruzam os tópicos anteriores. Portanto, a composição funciona melhor como um tecido de histórias entrecruzadas sobre educação.

Este conjunto é precedido de um texto introdutório que situa a experiência e de outro, ao final, que discute algumas questões sobre as relações interdisciplinares na interseção entre os campos da Antropologia e Educação, além de destacar algumas características dos ensaios reunidos nesta obra.

Passemos à leitura!

Parte 3 – Ficções

Educação, Cultura e Antropologia: a história do menino que descobriu o vento

Emanuele Damascêna Portela de Oliveira

A educação não é a solução para todos os problemas existentes, contudo, acredito que, em diversas situações, ela pode oferecer melhorias significativas. Um exemplo claro disso é o enredo de *O menino que descobriu o vento* (2019), dirigido por Chiwetel Ejiofor. O filme é uma adaptação da Netflix baseada no livro com mesmo título, no qual o autor William Kamkwamba relata parte de sua própria história.

A narrativa se passa na cidade de Kasungu, localizada no Maláui, Sudeste da África, durante o ano de 2001 e em um contexto de fome, seca e miséria. No filme, nos é apresentado o protagonista William, um adolescente com notória fome por conhecimento, e seus pais, que, pensando na possibilidade de um futuro melhor, tentam ao máximo a permanência do filho na escola, uma instituição privada. Enquanto isso, se esforçam para manter o sustento de seus três filhos trabalhando como agricultores.

No começo do filme, os pais de William o matriculam na escola, mas, com o pouco dinheiro que tinham devido à crise na qual o país estava passando, acabam pagando somente a matrícula e atrasando as mensalidades, cobrada durante as aulas por seus professores. Essa crise no Maláui iniciou-se quando parte da população, instruída pelo Estado, começou a vender as árvores de suas propriedades para empresas privadas. Eles precisavam do dinheiro, visto que as rendas dos agricultores eram baixíssimas. Mas as árvores eram as responsáveis por impedir a inundação da terra em razão das fortes chuvas, que acarretaria a perda da colheita do ano.

Enquanto o vilarejo lutava contra a destruição da colheita, William estava indo para a escola escondido, chegando até a chantagear seu professor de Ciências, o senhor Kachigunda, para acobertá-lo, pois tinha descoberto que o professor estava namorando sua irmã sem a permissão dos pais. Então, depois de encontrar uma bomba d'água em um lixão e descobrir que o farol da bicicleta do professor de Ciências era ativado por um dínamo, o adolescente começa a

estudar sozinho sobre produção de energia. Isso tudo ocorre até o diretor descobrir que William estava frequentando as aulas, o humilhar na frente dos outros alunos e o expulsar do colégio.

Em seguida, a crise eclode em Kasungu e, sem o apoio do governo corrupto, a comida começa a acabar e o período de seca se inicia, gerando conflitos e roubos entre a própria comunidade. Com isso, o pai de William o obriga a trabalhar com ele no plantio, desiludido e sem esperança de que o estudo resultaria em algo, pois, além do filho ter sido proibido de ir à escola, a filha mais velha, Annie, tinha fugido da cidade com o seu ex-professor, Senhor Kachigunda. Entretanto, mesmo sem o apoio paterno naquele momento, William não desiste de estudar e, inspirado por livros de Ciências, encontra uma forma de ajudar seu vilarejo. Apesar de tantos empecilhos e com uma educação, de fato, precária, o adolescente encontrou no estudo uma forma de resistência e, com objetos recicláveis encontrados em um lixão, a roda da bicicleta do pai e o dínamo do farol do seu professor de Ciências, construiu uma turbina eólica que possibilitaria a irrigação das plantações durante o ano inteiro, salvando, assim, a sua comunidade da fome.

Como comentei inicialmente, a educação pode não ser a solução para qualquer problema, depende muito do contexto cultural em que está inserida e de qual modelo de educação será utilizado. Essa ideia é exemplificada na carta enviada pelos governantes dos Estados Unidos aos indígenas das seis nações, após firmarem um tratado de paz, pedindo para que enviassem alguns de seus jovens para estudar nas escolas dos brancos, como relata Brandão (1985). Para os indígenas, esse modelo de educação oferecido pelos colonizadores os tornariam "inúteis" para sua comunidade, pois os ensinamentos daquele tipo de escola não trariam fundamentos que contribuiriam para atividades essenciais da cultura indígena daquela época: caçar, construir cabanas, falar a língua fluentemente.

Já no contexto de crise em que a cidade de William estava inserida, a educação escolar, mesmo que extremamente precária, foi útil para modificar a situação e melhorar a qualidade de trabalho e de vida da população de Kasungu. Sem dúvidas, foi de maior eficácia o fato de o protagonista insistir em aprender a construir uma turbina de energia eólica do que se tivesse desistido e começasse a trabalhar no plantio de grãos com o pai. Esse também seria um modelo de educação, porém, "menos importante" naquele momento para a melhoria da condição em que o vilarejo dele vivia.

A partir dessa comparação, fica explícito que cada sociedade tem diferentes experiências com a educação formal. Outro exemplo disso é o volume 3 do filme documental Human (2015), de YannArthus-Bertrand, em que é mostrada, por meio de relatos de pessoas de vários lugares do mundo, a diversidade de maneiras como a educação esteve ou não presente na vida dos entrevistados. Uns contam que o ensino salvou sua vida, outros não davam a devida importância, enquanto alguns não tinham acesso. Em um momento do documentário, Lay Heang, uma criança habitante do Camboja, relata sua dificuldade para pagar as aulas, por não ter nem dinheiro nem moradia. Ela conta que as cobranças de sua professora durante a aula faziam os outros alunos rirem dela. Uma situação parecida aconteceu com o adolescente William no filme da Netflix, quando ele vai à escola sem

pagar as mensalidades e acaba sendo expulso de forma humilhante na frente de todos os outros estudantes. Sendo que, ao final, graças ao garoto, houve melhorias que beneficiaram todos os moradores de Kasungu.

Assistindo ao filme, pude perceber em William uma certa facilidade de aprendizagem a partir do método de leitura de livros didáticos, já que estava proibido de participar das aulas. Grande parte de sua inspiração para construir a turbina gerada com energia eólica veio por causa dos livros de Ciências estudados sem auxílio, na biblioteca do colégio, exemplificando a ideia de que existem inúmeras formas de aprendizagem.

No artigo de Tassinari (2015), são analisados os processos de ensino e aprendizagem em dois contextos socioculturais distintos, um numa cidade agrícola no Paraná e outra em uma comunidade indígena no Amapá. Em ambas as situações, as crianças também aprendem praticando e a escola não é a única fonte de aprendizagem. Uma estratégia utilizada por um agricultor, quando o seu filho pediu de presente uma bicicleta, foi ensiná-lo a como calcular e cuidar de um porquinho para vendê-lo, trazendo confiança para a criança assim que conseguiu o dinheiro (Tassinari, 2015, p.153).

Relacionar os processos culturais com a educação é válido porque a cultura faz parte de todo e qualquer aspecto social, é um produto coletivo do ser-humano (Santos, 1994, p.44). Tendo isso em vista, para entender o porquê de um modelo de ensino-aprendizagem e um tipo de educação, é necessário conhecer o contexto sociocultural em que o aluno está inserido. Apenas dessa forma isso fará sentido para alguém não participante de uma certa comunidade, tentando ver a situação com “olhos daquela cultura”.

Com base nisso, reitero a ideia de que os processos de ensino-aprendizagem são de total dependência da cultura de cada sociedade, ou seja, uma forma pode gerar resultados em um lugar e em outro não, e que esse conceito não deve ser uniformizado, mas ser tratado no plural: educações (Brandão, 1985). Ademais, por conta dessa pluralidade, há diversas experiências diferentes relacionadas a esse fenômeno, tanto boas quanto ruins. Para o garoto William, a educação formal, mesmo sendo precária, transformou sua vida.

Por fim, trago uma reflexão: se esse direito do ser humano fosse acessível a todos, quantos Williams não poderiam revelar seus talentos e, dessa forma, ter uma história diferente?

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

ANTROPOLOGIA-EDUCAÇÃO
experiência, imaginação e conhecimento

Esta coletânea tem como finalidade disseminar o conhecimento produzido na Universidade de Brasília (UnB) e prover um recurso didático para disciplinas de graduação sobre temas ligados à educação em seu sentido amplo. Produzido a partir de uma experiência de ensino-aprendizagem na disciplina de Antropologia e Educação do curso de Pedagogia da UnB, o livro reúne 28 ensaios escritos por estudantes do primeiro período de curso distribuídos em quatro partes. *Trajetórias* reúne histórias biográficas e/ou familiares sobre experiências ao longo da vida com a educação. *Infâncias* apresenta diferentes aproximações desse tópico, pelas experiências pessoais, com as gerações anteriores ou mesmo nas relações com filhos. *Ficções* é composta de textos escritos a partir de referências do cinema, de séries e de histórias inventadas para dar caminho a reflexões sobre educação. *Escolas* fecha o livro com ensaios sobre cenas escolares, enfocando dramas e violências simbólicas no contexto escolar, mas também vivências significativas na companhia de crianças e reflexões sobre ensinar e aprender. Esse conteúdo pode ser interessante para as Ciências da Educação de maneira geral, além de subsidiar professores e estudantes em cursos temáticos ou interdisciplinares que tratam de tópicos como diversidade cultural, relações étnico-raciais, direitos humanos, Educação Inclusiva, diferenças e desigualdades sociais na educação.

EDITORA UnB

SÉRIE ENSINO DE GRADUAÇÃO